

África-Mundo: um projeto em curso

Ana Carolina de Oliveira Costa

Doutora em Antropologia Social/Universidade de Brasília (UnB)

carolantrop2014@gmail.com

Chirley Rodrigues Mendes

Doutora em Antropologia Social/Universidade de Brasília (UnB)

chirley13mendes@gmail.com

Ulrich Aurelien Metende

Doutor em Filosofia/Universidade de Yaoundé-I/Camarões

ulrichmetende@gmail.com

A proposta de África-Mundo

As mudanças em andamento em nossa humanidade, cada vez mais vulnerável, dão origem a novos pensamentos e novas formas de compartilhar um mundo (em)comum¹. Estamos caminhando irremediavelmente para um novo ciclo, ele próprio envolvendo novas dinâmicas e trajetórias epistêmicas e sociopolíticas. É por isso que a era que se abre girará, essencialmente, em torno de dois polos, pelo menos estes são os eixos que Achille Mbembe e Felwine Sarr propõem, a saber, que

a Europa já não constitui o centro do mundo, embora ainda seja um ator relativamente decisivo. A África, por seu lado – e o Sul em geral – aparece cada vez mais como um dos teatros privilegiados onde o futuro do planeta corre o risco de se desenrolar num futuro próximo (2017: 7).

1 Este termo é utilizado aqui para expressar e problematizar a ideia de um mundo comum cuja experiência humana possa ser efetivamente baseada em uma igualdade de existência e no compartilhamento real do mundo entre os diferentes povos.

A África é um continente historicamente saturado de significados, conceitos e injeções sociais (Sarr [2016] 2019) que marcam sua história, seu modo de ser representado e pensado pelo mundo e por si mesmo. O fato de a África, na maioria das vezes, ser considerada um objeto exótico, vítima de muitas caricaturas, torna difícil a produção de um pensamento crítico sobre o continente. Por conseguinte, o pensamento único dominante ocidental se recusa, ainda, a considerar as lógicas e as dinâmicas de conhecimento africanas como legítimas e tendo o mesmo nível de importância social e política que ele. O universalismo ocidental se mantém por meio da persistência de relações assimétricas de dominação e exploração com o continente africano, cujos jogos e questões cruciais se estendem e se perpetuam no campo científico (Dione 2017), como também nas arenas política e socioeconômica. Este universalismo imbuído de um narcisismo epistemológico sustenta as relações de poder, dominação e exploração do Ocidente na África.

No entanto, o nosso olhar sobre este movimento que procura relançar as bases para uma África futura, verdadeiramente integrada no mundo, permite-nos repensar as disparidades nas relações de força ao nível discursivo, teórico e político-econômico, para alterar as relações entre África e outros continentes. É, portanto, necessário, hoje, reposicionar um pensamento crítico africano, abandonando as lógicas coloniais, mas também os discursos afro-pessimistas, para considerar a África de forma diferente. E para concretizar esta “África” que todos queremos faz-se necessário, nos termos de Mbembe e Sarr (2017), empreender uma ruptura disciplinar que entrelace as práticas de escrita, imaginativas e performativas, para relançar este projeto de um pensamento crítico.

Esta ruptura disciplinar nos conduz, no momento presente, ao “universal verdadeiramente universal” (Diagne 2017), isto é, um universal plural, horizontalizado e descentrado. A ruptura disciplinar é, portanto, o que permite a reescrita de si dentro de um outro registro de sujeito universal. A reescrita de si, por sua vez, possibilita articular o projeto da descolonização dos saberes não apenas dentro das universidades e centros de pesquisa, mas em todas as arenas públicas onde se constrói e se organiza a vida social. No processo de reescrita de si, a partir da desconstrução do universal vertical, Diagne (2017) simplesmente nos convida a pensar por nós mesmos e para nós mesmos. É, pois, necessário questionar a África a partir da África, tornando o protagonismo africano um ponto de virada simbólico e igualmente decisivo para sua afirmação plena no mundo contemporâneo. Baseando-se nas obras de Césaire e Glissant, Diagne (2017) observa, no primeiro, o alerta para que desconfiemos de um universal que dilui e confina nossa identidade, enquanto o segundo apela à salvaguarda da pluralidade e à manutenção das

relações com "*Tout-Monde*"².

Se a projeção do mundo pela Europa só concebe o universal pelo prisma da verticalidade, o mundo decolonial permite abrir um novo horizonte para se pensar um universal horizontal. Por sua vez, a visão decolonial do conhecimento sobre a África constitui uma grande questão epistemológica e metodológica. Este é um momento em que o sujeito deve questionar sua relação com a ordem epistêmica dominante para esboçar os contornos do projeto de "reescrita de si", que chamamos aqui de reescrever-se em referência às novas relações plurívocas entre o Sul e o norte ou entre o centro e as Periferias. Trata-se do trabalho árduo de reconsiderar este sujeito dentro de um processo histórico que o situe, a partir de então, no centro de toda a empreitada emancipatória. A descolonização do conhecimento convida-nos, assim, a questionar as noções de "colonialidade" (Mignolo 2015), de "biblioteca colonial" (Mudimbe [1988] 2020) e de centralidade epistêmica, para reavaliar a si mesmo e refazer os sentidos dentro do mundo (em)comum.

A proposta de África-Mundo apresenta a necessidade de discutir a emergência do continente africano e suas diásporas como protagonistas do processo de produção teórica, política e social diante dos desafios de transformação do mundo contemporâneo. É igualmente necessário refletir sobre a ideia de um refinamento metodológico e teórico-conceitual, que abrirá caminho para o advento de uma nova geopolítica dentro dos saberes e das práticas. Este projeto interdisciplinar em curso constitui, assim, o ponto de partida para a descompartmentalização e o descentramento do pensamento crítico (Mbembe & Sarr 2017), possibilitando um outro olhar, que pretende ser holístico, e não mais "mono-epistêmico", sobre as maneiras de ser no mundo. Esta é a razão pela qual são relevantes as discussões acerca do protagonismo teórico, intelectual, cultural, conceitual, político e econômico dos africanos. Se, portanto, o futuro do mundo está sendo disputado na África, é necessário promover e defender o conceito de uma África que se abre a si mesma e ao mundo.

Desafios para uma África-Mundo

As bases para um futuro crítico foram lançadas, as mudanças epistemológicas estão em curso, mas, em termos geopolíticos, as relações de força não foram perturbadas. Ou seja, ainda que o Ocidente deixe de ser o centro do mundo, em termos de produção de conhecimentos, ele mantém seu controle sobre as dinâmicas político-econômicas

2 Trata-se de um conceito desenvolvido por Edouard Glissant (1993) para exprimir a "totalidade-mundo" dentro de sua diversidade física e das relações que ela inspira. A partir disso, ele pensa a interpretação das culturas e dos imaginários dentro de uma lógica de uma nova copresença dos seres, das coisas, e dos estados de mundialização dentro da qual reina a relação entre todos.

no cenário global. Mesmo em um contexto no qual o capital internacional não se apega às fronteiras nacionais, a economia mundial ainda se baseia na divisão entre centro e periferia, entre países produtores de tecnologias e aqueles fornecedores de matérias-primas.

As relações políticas internacionais, por sua vez, reproduzem esta divisão centro-periferia, já que os países do norte global mantêm poderes decisórios sobre os países africanos. Um exemplo disso é a participação dos países africanos no seio da ONU, onde estes não têm assento e, portanto, não têm direito a voto no Conselho de Segurança. Além disso, dentro da União Africana, os países-membros não possuem um verdadeiro poder de decisão e a instituição permanece como um órgão apenas consultivo. Estas instâncias ocupam, portanto, um lugar central no cenário político africano, especificamente pelos processos de pacificação do continente e pelo financiamento das políticas de desenvolvimento que buscam superar a pobreza (Lehmann, 2008). Tais instituições constroem narrativas que apagam, frequentemente, as lutas dos sujeitos para se manterem “vivos em seus próprios termos”, como sugere Borges (2018) ao analisar os processos de exploração, despossessão e morte ao longo da história de redistribuição de terras dentro de uma família na África do Sul. Neste sentido, os países africanos permanecem espectadores das decisões políticas que lhes são impostas.

A questão-chave é a disparidade de poder e a constante criação de mecanismos para mantê-la. Esta é a razão pela qual o relançamento do futuro será sempre incompleto, levando-se em consideração que esta geopolítica continua a marcar a separação entre a África e o resto do mundo. Portanto, o principal desafio da África-Mundo será formular uma transição entre os discursos sobre África-Mundo, em termos teóricos, para sua concretização em termos político-econômicos. A questão que se coloca é: como podemos lançar novas bases desvinculadas dos velhos laços de subjugação colonial e neocolonial?

As respostas a esses desafios estão sendo desenvolvidas por intelectuais, governantes, sociedades civis africanas e da diáspora. Por outro lado, o diálogo entre tais atores sociais ainda é fraco, devido à falta de interlocução mais próxima. Isto não se refere somente a um diálogo com o presente, mas deve igualmente incluir o passado, a fim de se compreender os sentidos e valores que se desenvolveram ao longo do tempo para que não cometamos os mesmos erros. O envolvimento de todos – africanos e não africanos – no processo de formulação do futuro é um meio possível de desconstruir a universalidade vertical em favor de uma universalidade horizontal. Assim, é imprescindível salvaguardar a pluralidade (Glissant 1993) da participação dos sujeitos no mundo.

Nesse sentido, como colocar em curso a refundação de si em uma esfera de relações

geopolíticas desiguais? Como podemos definir o universal horizontal em um contexto onde o desenvolvimento de agendas políticas internacionais é baseado em disparidades de poder? Interessa a quem a continuidade da universalidade vertical? Ainda não temos respostas para essas perguntas, mas acreditamos que elas sejam imperativas, uma vez que a emergência dessas discussões, assim como do projeto África-Mundo, se dá num contexto em que os recursos naturais e humanos necessários ao desenvolvimento tecnológico e econômico da Europa, Estados Unidos, China e Rússia encontram-se em países africanos³. Se não temos respostas a estas questões, ao menos esperamos que o campo político-econômico possa se abrir a uma “política do cotidiano” (Costa 2021) na qual os valores sociomoraes dos sujeitos africanos e suas cosmopolíticas sejam considerados. Uma vez que, mesmo diante das disparidades de poder, eles sempre buscam meios – ainda que subjetivamente – para se contrapor à desvalorização humana colocada em curso pelo capitalismo racial.

Dione (2017) fez uma importante observação acerca dos modelos econômicos historicamente impostos ao continente africano, apontando a necessidade de realizar análises pragmáticas e programáticas, lúcidas e realistas, para solucionar os impasses da passividade político-econômica africana. Por outro lado, acreditamos que isso só pode acontecer criando-se estratégias de difusão de ideias e diálogo entre as elites nacionais e a população.

África-Mundo também implica pensar os atos políticos dos intelectuais, os silêncios dos políticos e os murmúrios da população, especialmente daqueles que não estão envolvidos diretamente com a política institucional. Historicamente, a população africana tem sido considerada incapaz de refletir sobre sua própria realidade. Assim, os intelectuais africanos assumiram a tarefa de mostrar a plena capacidade racional dos africanos e demonstrar a legitimidade dos governos africanos. Hoje, consideramos que a principal condição a ser assegurada para a reescrita do eu é o (re)estabelecimento de diálogos entre intelectuais e sociedade civil, de forma horizontalizada, a fim de criar caminhos viáveis para a resolução dos problemas sociais. Por conseguinte, a nossa proposta neste dossiê é convidar os leitores a refletirem conosco sobre as possibilidades de trazer a África para fora da “*grande noite*” (Mbembe [2013] 2014), e inseri-la, efetivamente, no mundo (em) comum.

3 Optamos por estabelecer aqui, e ao longo de todo texto, um discurso comprometido em demarcar as posições dos atores envolvidos e suas relações, uma vez que, como ressalta Haraway (2009), os conhecimentos são situados e a possibilidade de exercício da imparcialidade tem sido, historicamente, um privilégio masculino.

África-Mundo em curso

A fim de colocar em prática a ruptura disciplinar para considerar o futuro africano e planetário, este dossiê traz contribuições, na forma de resenhas e artigos, de autores de diferentes campos do conhecimento. Se a ideia-projeto África-Mundo convoca africanos e não africanos a repensar suas relações com o mundo, ela também convida o público e o corpo intelectual brasileiros a fazê-lo. Para este fim, apresentaremos alguns dos intelectuais que estão fazendo avançar as discussões sobre África-Mundo e refletindo sobre esta ideia-projeto em seu trabalho.

A obra *Afrotopia* (Sarr [2016] 2019) propõe repensar as bases da economia, trazendo para dentro desta disciplina elementos culturais socialmente relevantes. Isto serve para recriar os campos de interpretações econômicas sobre a África, de modo que se possa superar a oposição entre economia e cultura. A reinvenção de si ou a reescrita de si, neste sentido, propõe reelaborar o “moderno” e o “tradicional” em uma modernidade alternativa à atual. *Afrotopia* é, então, um projeto em andamento, para elaborar uma construção imaginária do futuro. O futuro é um espaço de possibilidade, pois ainda não é habitado e, por esta razão, permite o restabelecimento de novas relações de poder político e econômico.

A reconstrução do imaginário toca também a dimensão da denúncia de relações de força do passado que, ainda hoje, são ocultadas pelos poderes políticos, econômicos e pelos imaginários sociais, em uma perspectiva histórica. Talvez, esse processo de retomada do passado ainda tenha que percorrer um longo caminho, antes que possamos avançar, como nos informa Oyèwùmí em sua intervenção⁴. Isso porque as categorias teóricas e sociais ainda estão fortemente ligadas ao imaginário, às práticas e às estruturas sociais coloniais. Assim, devemos rever o passado para compor o futuro. Temos marcos históricos que influenciam fortemente o imaginário social atual mas, todavia, tentamos nos distanciar desse passado colonial e de suas ações cotidianas que permanecem no presente. A percepção de distância se deve a uma falsa concepção de tempo que insiste em recusar a continuidade dos traços dessas práticas sociais. Estamos a pouco mais de dois séculos desde a interdição do tráfico de escravizados pela Inglaterra e o imaginário que o envolve está, ainda, vivo e se multiplicando. Podemos citar o caso recente dos escravizados na Líbia⁵, as dependências econômicas dos países africanos e, ainda, os numerosos casos de racismo na diáspora, entre outros. Estas manifestações de imaginários

4 Conferência proferida pela autora por ocasião do lançamento da edição brasileira do livro “A Invenção das Mulheres”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZGOjZrIYRIA>. Acesso em: 06/02/2022.

5 Ver <https://www.cartacapital.com.br/mundo/leilao-de-escravos-e-flagrado-na-libia/>.

e práticas colonialistas são múltiplas e, às vezes, algumas delas consideradas inexistentes, permanecem objetivamente vivas ainda hoje.

Neste sentido, Françoise Vergès, na obra *Le ventre des femmes* e no artigo “Extraire/ Abîmer/Réparer”, discute a relação entre capitalismo, racismo e violência sistêmica contra o corpo da mulher negra, em um cenário de herança colonial. Em seu livro, os ventres das mulheres negras são estigmatizados, justamente por gerarem filhos negros. A fim de controlar os nascimentos, seus ventres se tornaram um domínio da administração do Estado francês. Elas foram submetidas a abortos involuntários, como uma política de controle de natalidade na Ilha de Reunião. Em contraste, durante o mesmo período, as mulheres na França metropolitana reivindicavam seu direito ao aborto e à liberdade sobre seus corpos.

Em seu artigo, a exploração do corpo da mulher negra para extrair força de trabalho, afeto e prazer sexual é descrita como a reprodução de um capitalismo racista que perpetua a supremacia branca. Esta exploração se dá por meio de uma economia da exaustão que opera a extração máxima de força, a ponto de danificar o corpo das mulheres negras. Seus ventres, nas colônias dos Estados Unidos, tornaram-se o motor operacional da reprodução capitalista. Vergès reconstrói, em profundidade, a relação entre o imaginário colonial racista e a manifestação do capitalismo sobre os corpos das mulheres negras. Diante disso, Vergès propõe imaginar um futuro pós-violento no qual os laços de amizade e solidariedade, assim como a prática do amor revolucionário, constituem ferramentas importantes para combater a violência sistêmica do capitalismo racial. Se olhar para o passado é importante para entender o presente e projetar o futuro, olhar para os traumas torna-se um imperativo para que rompamos com os laços colonialistas e sua permanência no presente.

Grada Kilomba, em *Memórias da Plantação*, nos faz refletir se é possível nos livrarmos do colonialismo, levando-nos a pensar sobre os efeitos do imaginário colonial expresso ainda hoje sobre o peso do racismo, dos traumas e das humilhações cotidianas. Esse imaginário é a reencarnação do colonialismo, que sobrevive a partir das relações de força estabelecidas dentro das estruturas linguísticas. Estas, por um lado, reproduzem vocabulários coloniais e, por outro, produzem silêncio. O racismo cotidiano é constituído por um ciclo que, à medida que se manifesta hoje, faz emergir as cenas de racismo do passado colonial no presente.

O trauma, conceito marcante nesta obra, serve também para caracterizar a obra de Vergès, pois as mulheres esterilizadas durante a década de 1970 não tiveram voz e força contra o Estado francês. Todavia, a denúncia é também uma forma de reparação a essas

mulheres silenciadas há anos, às quais Vergès e Kilomba restituem as vozes em suas obras. Esses atos restitutos das vozes das mulheres, que buscam romper os silenciamentos impostos, também operam um “re-fazer do vivido” (Mendes, 2018) na medida em que ativam determinados significados e reposicionam o próprio sujeito no mundo.

Trauma ainda é uma palavra apropriada para caracterizar a obra de Tomi Adebeyemi, *Filhos de Sangue e Osso*, que constrói uma narrativa ficcional em torno da perseguição racial entre dois povos irmãos. A obra é uma análise socioantropológico-literária das relações de poder, das lutas pela libertação de um povo e das expressões de poder da colonialidade. Adebeyemi oferece uma análise profunda sobre as desigualdades sociais, os efeitos da universalização vertical e os processos de resistência. A crença e a resistência silenciosa foram os caminhos que conduziram os protagonistas a superar a opressão. A resposta aos traumas – psicológico, corporal, imaginário e ideológico – foi buscada pela protagonista, que precisou confrontar seu próprio trauma a fim de quebrar os imperativos de universalização vertical que recaíram sobre todos.

Nesse sentido, a tarefa de reformulação do eu deve ser iniciada gradativamente para uma reconstrução da imagem da África e dos africanos. Uma imagem que seja um reflexo fiel dos seus valores sociais em profunda ligação com os elementos necessários ao desenvolvimento social e humano. Pensar África-Mundo é, sobretudo, pensar nas necessidades dos africanos numa escala de prioridades sociais em níveis locais e global. Pensar no futuro faz parte de uma busca por reconstruir as bases políticas, econômicas e sociais que possibilitarão uma nova vida para o continente. De modo que, para superar o trauma, é preciso percorrer o caminho temporal a fim de vislumbrar um futuro distante da mentalidade colonialista, racista, que se sustenta na lógica do capitalismo racial e que mantém uma utilização extravertida dos recursos naturais e humanos africanos.

Dentro das discussões levantadas até aqui, gostaríamos de apresentar ainda os temas abordados nos artigos que compõem este dossiê. Brigitte Nga Ondigui, em seu artigo “Réécriture de soi chez les Ekgang: entre savoir mémoriel et valeur identitaire du m’ouat (costume)”, analisa a vestimenta entre os Ekgang na República dos Camarões, para refletir sobre o discurso de autenticidade, costume (*m’ouat*) e identidade entre eles. A autora reflete sobre como a reconstrução de um conhecimento memorial e de valores identitários permite apreender o presente e vislumbrar o futuro à medida que se recupera o passado.

A pesquisadora Patricia Lopes e Silva, em seu artigo “‘Tens que ter cuidado para não fazeres um trabalho a-branco’: por uma descolonização do teatro cabo-verdiano”, analisa as disputas de poder estabelecidas entre um grupo teatral hegemônico e os demais grupos teatrais marginalizados na cena teatral da Ilha de São Vicente, em Cabo Verde. A reflexão

discute o monopólio de recursos, o estabelecimento de agendas na produção cultural local e os processos de opressão sobre os grupos e artistas.

Por sua vez, Protais Medjo, no artigo “L’explication de la culture a partir des «Pygmées» Bakola-Bagyéli du Sud-Cameroun: entre recherche de l’efficacité matérielle et libération de l’humain”, analisa a relação entre natureza e cultura baseado em dados etnográficos e arqueológicos coletados entre os Bakola-Bagyéli do sul dos Camarões. O autor confronta a premissa da ciência ocidental de que as sociedades humanas estariam, necessariamente, destinadas a buscar a contínua eficiência material.

O pesquisador Alban Aminou Zossou, no artigo “O conceito africano de língua: representação, manifestação e importância social – entendimento no grupo etnolinguístico Fon”, propõe discutir uma concepção africana da língua, a partir do Fongbe do Benin. Segundo o autor, a oralidade é uma expressão cultural na qual a materialidade da língua – palavra, fábula, provérbio, e por aí vai – engendra aspectos espirituais e sagrados.

Ludovic Pountougnigni Njuh, no artigo intitulado “Les sciences sociales et humaines en Afrique et la décolonisation des savoirs: le défi de la conceptualisation”, parte de uma perspectiva histórica para abordar a descolonização do saber. O autor reflete sobre o papel das Ciências Sociais e Humanas dentro deste processo e como elas, juntas, podem repensar as conceitualizações e, assim, superar a herança colonial na produção de conhecimento africana.

Em conclusão, a organização deste dossiê procurou combinar as experiências de trabalho de diferentes gerações de pesquisadores, a fim de permitir o diálogo entre eles e o intercâmbio geracional. Os textos reunidos constituem produções importantes para a discussão África-Mundo, um campo ainda pouco conhecido entre o público acadêmico brasileiro. Gostaríamos de agradecer à R@u – Revista de Antropologia da UFSCar, por acolher nossa proposta, bem como a todas e todos pareceristas e autores que contribuíram com este dossiê.

Referências

ADEYEMI, Tomi. 2018. *Filhos de Sangue e Ossos: O legado de Orisha*. Tradução de P. Rissati, 1ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco.

BORGES, Antonádia. 2018. “Ethnographic Alliance: Hope and Knowledge Building through a South African Story”. In: V. Lawson & S. Elwood (eds.), *Relational Poverty Politics: Forms, Struggles, and Possibilities*. Athens: University of Georgia Press. pp. 183-200.

COSTA, Ana Carolina de O. 2021. *Sujeito-Coletivo, uma fronteira para o capitalismo: entrelaçando cosmologia, perseguição e política agrária no Benim*. Tese de Doutorado. PPGAS-DAN, Universidade de Brasília.

- DIAGNE, Souleymane B. 2017. "Pour un universel vraiment universel". In: A. Mbembe & F. Sarr (eds.), *Écrire l'Afrique-Monde. Les Ateliers de la pensée, sous la direction de Achille Mbembe et Felwine Sarr*. Paris/Dakar: Philippe Rey/Jimsaan. pp. 71-78.
- DIONE, Maurice S. 2017. "Les impasses épistémologiques autour de l'objet Afrique". In: A. Mbembe & F. Sarr (eds.), *Écrire l'Afrique-Monde. Les Ateliers de la pensée, sous la direction de Achille Mbembe et Felwine Sarr*. Paris/Dakar: Philippe Rey/Jimsaan. pp. 117-138.
- GLISSANT, Edouard. 1993. "Le Cri du monde. Conférence inaugurale du Carrefour des littératures européennes de Strasbourg (4.11. 93)". *Le Monde des livres*. pp. 28-29.
- HARAWAY, Donna. 1995. "Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial". *Cadernos Pagu*, 5: 7-41.
- KILOMBA, Grada. 2020. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de J. Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó.
- LEHMANN, Volker. 2008. The relationship between Africa and the UN: From disenchantment to a more effective cooperation. In: *Conference report*. FES: Tarrytown, NY.
- MBEMBE, Joseph-Achille. [2013] 2014. *Sair da Grande Noite. Ensaio sobre a África descolonizada*. Tradução de Narrativa Traçada. Luanda/Lisboa: Edições Mulemba/ Edições Pedagogo.
- MBEMBE, Joseph-Achille & SARR, Felwine. 2017. "Penser pour un nouveau siècle". A. Mbembe & F. Sarr (eds.), *Écrire l'Afrique-Monde. Les Ateliers de la pensée, sous la direction de Achille Mbembe et Felwine Sarr*. Paris/Dakar: Philippe Rey/Jimsaan. pp. 7-13.
- MBEMBE, Joseph-Achille & SARR, Felwine (eds.). 2017. *Écrire l'Afrique-Monde. Les Ateliers de la pensée, sous la direction de Achille Mbembe et Felwine Sarr*. Paris/Dakar: Philippe Rey/Jimsaan.
- MENDES, Chirley F. 2018. *Entre trechos de vidas: juventudes, mulheres e gerações compoendo a feitura de pessoas e trajetórias*. Tese de Doutorado. PPGAS-DAN, Universidade de Brasília.
- MIGNOLO, Walter. 2015. *La Désobéissance Épistémique: rhétorique de la modernité, logique de la colonialité et grammaire de la décolonialité*. Lausanne: P.I.E-Peter Lang S.A./ Editions Scientifiques Internationales.
- MUDIMBE, Valentin-Yves. [1988] 2021. *L'Invention de l'Afrique*. Tradução de L. Vannini. Paris: Éd. Présence Africaine.
- SARR, Felwine. [2016] 2019. *Afrotopia*. Tradução de Sebastião Nascimento. São Paulo: N-1 edições.
- VERGÈS, Françoise. 2017. *Le Ventre des femmes. Capitalisme, racialisation, féminisme*. Paris: Albin Michel.